

COBRA DE VIDRO

12 8/44
Nelson Werneck Sodré

Reunindo artigos de jornal, em que desenvolveu uma etapa de crítica com poucas foram exercidas, em nosso país, Sergio Buarque de Holanda conseguiu manter, em livro, uma unidade que veio, necessariamente, da maneira superior como encarou a sua tarefa. Em regra, a reunião de artigos de jornal não condiciona obras de solidez e de unidade dignas de exame demorado, e um jornalista de quilate do autor de "Cobra de vidro" conhece perfeitamente a profissão para aquilatar bem do alcance e da exatidão do conceito. Tais livros ficam como uma espécie de obra de viajante, fragmentos de conversa, impressões dispersas, sem coordenação e sem um tema central que as ligue. As exceções, entretanto, confirmando a regra, importam em reconhecer, na coletânea de artigos, uma análise superior, o conhecimento seguro dos assuntos. O que dá a sumula, capaz de fornecer ou substituir a idéia central, é, então, a maneira com que essa análise é exercida, esse conhecimento, se funde. E o caso é, precisamente, esse, porque Sergio Buarque de Holanda reúne, sem dúvida, uma série de qualidades que garantem a sua obra, sabendo ser, a um tempo, um crítico literário firme e sensível, um analisador sutil dos acontecimentos e do processo social, e um escritor fácil, a que a tarefa de jornal deu todos os recursos, sem fornecer a monotonia ou o desinteresse.

Do gosto literário dizem as páginas sobre Varela, a propósito do belo livro de Edgard Cavalheiro, aquelas a respeito de Machado de Assis, ou as que interpretam o romance brasileiro contemporâneo. São das mais justas, precisas e inteligentes tais páginas, e são, também, daquelas onde se verifica uma consonância, nem sempre encontrável, entre a idéia fecunda e a maneira de expor clara, sem ser monótona ou trivial. Coisa que não seria de estranhar num homem que veio do jornalismo para os estudos sociais e que usou idiomas estranhos, por tempo demorado. Esse fundo de bom gosto literário, aliás, dá às interpretações e críticas do autor, no plano em que se assinala como um mestre indiscutível, dos assuntos históricos e sociais, uma largueza de expressão e de compreensão mesmo que são raras, entre nós, no caso, e que são sempre estimáveis, por admitirem a amplitude da personalidade que, verdadeiramente, é capaz de situar os problemas, sem se deixar obscurecer por um saber unilateral.

Da segurança na análise do processo histórico e social testemunham as páginas a respeito da cultura lusa, a propósito do trabalho de Gilberto Freyre, as observações, acuradíssimas e atiladas, a respeito do problema do negro no Brasil, a crítica ao livro de Otoniel Mota. São sempre coisas a margem mas coisas interessantes, dados úteis, interpretações exatas, pontos de partida, por vezes, para assuntos fecundos. Assuntos que ninguém trataria, cer-

tamente, com mais rigor e exatidão maior do que o próprio Sergio Buarque de Holanda, mas que aparecem indicados como trilhas a percorrer, oferecidas a outros.

De uma afirmação anterior, a respeito da passagem do ensaísta pelo jornalismo, pode parecer que haja nisso qualquer restrição. Mas não há, porque, precisamente, o jornalismo serviu a Sergio Buarque de Holanda como um instrumento, que ele manejou com firmeza pouco conhecida entre nós, e que serviu bastante ao desdobramento de suas qualidades de escritor e de estudioso. Suas reportagens na Europa constituem, sem dúvida, uma das tarefas mais interessantes que já foi dado a um brasileiro realizar, e só encontro mesmo, para comparação, aquela que Azevedo Amaral exerceu, na Inglaterra, durante a guerra passada. A própria cultura literária, quase sempre isolada, no Brasil, dando-nos, em homens que a possuem funda e extensa, a impressão de aleijados, que fossem obrigados a usar apenas uma das mãos, constitui uma das faces mais apreciáveis desse sociólogo cauteloso e firme infatigável na busca dos dados exatos, mas cujas afirmações carecem de dogmatismo, porque conhece a precariedade das verdades estabelecidas.

Desde "Raizes do Brasil", o ensaísta se firmou como um dos nossos estudiosos capazes de ver melhor nem só os motivos nacionais, aquele lado peculiar, e às vezes até ornamental, das nossas coisas, como as razões motoras do processo social, analisado por ele em suas fases mais significativas, e situado, segundo as suas particularidades, na totalidade do desenvolvimento humano, com o rigor já mencionado, e numa escala compatível com a nossa contribuição. As largas perspectivas abertas naquele livro são da mesma ordem das trilhas apertadas neste, e a multiplicidade destas não perturbou a unidade da obra porque existe nelas sempre uma visão de conjunto, uma sumula interpretativa, estendida até os conceitos literários. Se a cultura literária, em Sergio Buarque de Holanda, é um complemento necessário à sua personalidade ela não lhe serve senão para encarar a atividade criadora no seu verdadeiro sentido, isto é, como um dos aspectos mais curiosos e mais significativos da atividade social. Particularidade que nem só explica como não ficou ela unilateral, no seu espírito, como explica, também, porque permanece, mesmo nos que a ostentam em limites largos, como uma restrição inequívoca, uma espécie de ornamentação intelectual, sem finalidade e sem grandeza.

Sergio Buarque de Holanda nesse pequeno livro, afirma-se, pois, o mesmo interprete seguro de "Raizes do Brasil", oferecendo fatias de uma crítica sutil e aguda, que é indispensável conhecer e onde há muitos pontos de grande interesse, tratados por alguém que conhece a significação dos detalhes mas sabe, ainda, dar-lhes, no conjunto, a situação própria.